Vol. 34, nº 3 (2026)

A REPRESENTAÇÃO DA BANALIZAÇÃO DA MORTE NA OBRA *BUQUÊ DE LÍNGUAS* DE TEREZA ALBUES

***

THE REPRESENTATION OF THE BANALIZATION OF DEATH IN BUQUÊ DE LÍNGUAS BY TEREZA ALBUES

Sandra França Meira[1]
Aroldo José Abreu Pinto[2]

Recebimento do Texto: 20/05/2026
Data de Aceite: 10/06/2026

Resumo: Este artigo investigou como a problematização da banalização da morte foi representada na obra *Buquê de Línguas* (2008). Objetivou-se analisar de que modo a autora explorou esteticamente, em suas narrativas concisas, a espetacularização e o esvaziamento da experiência humana decorrentes dos processos culturais da sociedade contemporânea. A pesquisa teve caráter bibliográfico e fundamentou-se nas contribuições de Walter Benjamin (2018), Zygmunt Bauman (2008) e Hannah Arendt (2007). Como resultado, constatou-se que a autora construiu uma estética narrativa provocativa, que instiga o leitor a refletir sobre a condição humana, reafirmando a literatura como espaço de resistência.

Palavras-chave: Estética literária. Espetacularização da morte. Narrativa contemporânea.

Abstract: This article examined how the issue of the trivialisation of death was portrayed in the work Buquê de Línguas (2008). The aim was to analyze how the author, through concise narratives, aesthetically explored the spectacularization and emptying of human experience resulting from the cultural processes of contemporary society. The research was bibliographic in nature and based on the contributions by Walter Benjamin (2018), Zygmunt Bauman (2008), and Hannah Arendt (2007). As a result, it was found that the author constructed a provocative narrative aesthetic that encourages the reader to reflect on the human condition, reaffirming literature as a space of resistance.

Keywords: Literary aesthetics. Spectacularization of death. Contemporary narrative.

1 Considerações preliminares

A obra *Buquê de Línguas* (2008) é composta por 14 contos de autoria de Tereza Albues, publicados postumamente em livro. Em sua escrita, a autora recorre a uma estrutura narrativa não linear e à técnica do fluxo de consciência, recursos que conferem aos textos uma plasticidade que dialoga com o contexto contemporâneo, marcado pela fragmentação,

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: sandra.meira@unemat.br
[2] Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP-Assis. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: aroldoabreu@unemat.br

pela velocidade e pelo excesso de informação e, também, de desinformação. Nesse sentido, a própria escrita dos contos parece incorporar essas características em sua composição, assumindo, por vezes, uma configuração de certo teor caótico.

A obra de Tereza Albues não se prende a um único tema, mas transita por diversas questões críticas, sobretudo aquelas relacionadas às causas das minorias. Nesse movimento, instiga o leitor a refletir sobre assuntos sensíveis, como o medo, a violência, a sexualidade, o preconceito, a alteridade, o papel da mulher, a inevitabilidade da morte, entre outros, buscando romper silêncios e suscitar reflexões.

Dessa forma, em meio à profusão de temas que a obra suscita, selecionamos como recorte o modo como a morte é representada nos contos. O objetivo é analisar de que modo Tereza Albues explorou esteticamente, em suas narrativas concisas, a espetacularização e o esvaziamento da experiência humana decorrentes dos processos culturais da sociedade contemporânea. Assim, a reflexão empreendida neste estudo evidencia a potência da narrativa literária na problematização das fraturas culturais do tempo presente.

2 A morte como protagonista

No universo literário, a morte sempre ocupou um lugar de destaque. Em diversas obras, seja no cânone ou na chamada literatura de massa, ela ganha voz e forma, como na obra A *Menina que Roubava Livros* (2010), de Markus Zuzak, cujo narrador é a própria morte ou em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994), de Machado de Assis, cujo personagem protagonista é um defunto. Sob uma perspectiva poética e existencialista, a morte tem sido explorada como uma das experiências mais profundas da condição humana.

Ao longo dos contextos literários, fora ainda retratada com diversas nuances. Nas epopeias, por exemplo, morrer era alcançar a glória eterna, perpetuar-se no canto dos poetas. Posteriormente, foi assumindo outros contornos: juízo e promessa de salvação; o conflito entre corpo e alma, razão e fé; libertação e repouso para as dores do mundo. Até perder o caráter místico e assumir a face concreta da finitude como no Realismo. Na escrita contemporânea, a morte é representada de forma multifacetada e, em muitas obras desse contexto, ela é abordada ora com sensibilidade poética, ora com ironia e até em tom de

trivialidade, refletindo, assim, a dessacralização do tema na sociedade atual e a busca por novos sentidos diante da efemeridade da vida.

Aos poucos, considerando o avanço da sociedade capitalista, com o predomínio de perspectivas utilitaristas, consolidou-se uma lógica social voltada à otimização do tempo, à valorização do instante e à incessante busca por prolongar a existência. Nesse contexto, a morte foi gradativamente excluída dos espaços coletivos, e as reflexões acerca da finitude humana passaram a ser banalizadas. Um exemplo expressivo desse cenário na literatura encontra-se em *A Metamorfose* (1997), de Franz Kafka, cuja narrativa evidencia, por meio da figura de Gregor Samsa, o processo de marginalização do indivíduo que deixa de ser produtivo. Ao perder sua função social vinculada ao trabalho, o protagonista é progressivamente isolado, ocultado e, por fim, tem sua morte recebida com alívio pela própria família.

Em *Buquê de Línguas* (2008), a reflexão sobre a morte aparece nos 14 contos, mas, por uma questão de extensão, trataremos aqui os que consideramos mais pertinentes à discussão. No conto que nomeia a obra, o qual relata os percalços da insegurança na rotina dos moradores de uma metrópole, presos em um transporte coletivo, a discussão sobre a temática aparece atrelada a todos os tipos de medos que os rondam. Mas, evita-se externalizar o sentimento de impotência que o assunto gera. Há muitos silêncios permeando toda a obra, mas também há constantes intervenções na tentativa de quebrá-lo. A música é uma forma recorrente, assim como outras artes, como o próprio ato de narrar.

Em meio a esses momentos, surgem as verbalizações do medo maior, a inevitabilidade da morte. Como no trecho retirado do conto "Buquê de línguas": "M-o-r-te. Explícita e contundente, a palavra proibida fora introduzida no nosso meio, assim, sem cerimônia. Uma palavra-impasse a sacudir a vulnerável ribalta, onde nós, atores improvisados, nos julgávamos a salvo" (Albues, 2008, p. 20). Pelo tom do fragmento, é possível observar a ironia fina na narrativa, pois a fragilidade da vida é encoberta por uma falsa aparência de controle. Busca-se constantemente formas de driblar o tempo, fórmulas milagrosas de rejuvenescimento e a morte passa a ser consumida como entretenimento, ocupa um espaço de espetáculo, exibida em noticiários, filmes, músicas como algo distante.

Apesar de toda a tensão, de todos os medos de que os personagens do conto "Buquê de Línguas" passam dentro do vagão, em contextos de possíveis ações terroristas", a palavra

morte demora ser pronunciada como bem relata a narradora. E ao ser finalmente proferida é aludida como algo trivial. Vejamos um fragmento que antecede a esse e que sustenta essa afirmação.

> Perigo? Pouco importa, todos nós vamos morrer um dia. A morte é tão natural… (penso nos versos de Sylvia Plath: Dying/ is an art, like everything else./I do it exceptionally well)… Temos de aceitá-la, continuou Jerzy Dulca, príncipes, reis, presidentes, mendigos, celebridades, todos têm igual destino. Temer a morte é ridículo (Albues, 2008, p. 19-20).

A personagem de Albues sugere que a morte seja aceita, visto que é inevitável, tornando essa condição algo banal. Como ela própria sugere ao citar os versos de Sylvia Plath e, para facilitar o entendimento, traduz-se como: "Morrer é uma arte, como todo o resto. Eu faço isso excepcionalmente bem" (Plath *apud* Albues, 2008, p. 20, tradução nossa). Apesar de a morte sugerida no verso ser simbólica com várias possibilidades de leitura, a própria Silvia Plath (pessoa real) tentou suicídio por nove vezes, o que intensifica o teor dramático do verso, uma certa espetacularização.

O caráter performático da morte é tratado pelo autor Walter Benjamin na obra *A arte de contar histórias* (2018). Na obra, este discorre sobre a sociedade do espetáculo e como nos últimos tempos a morte migrou da esfera coletiva para algo privado:

> A ideia de eternidade teve sempre na morte sua fonte mais poderosa. Se essa ideia se enfraqueceu, isso significa que o rosto da morte também se modificou. Essa modificação demonstra ser a mesma que reduziu a comunicabilidade da experiência na medida em que a arte de contar chega ao fim (Benjamin, 2018, p. 35).

Benjamin (2018) narra que a morte foi aos poucos sendo subtraída da visão coletiva. Segundo o autor, hoje em dia as pessoas vivem em espaços depurados de qualquer morte e ele os chama de os primeiros moradores da eternidade. Quando chegam perto do fim, são depositados em hospitais e sanatórios por seus herdeiros, anulando-se o espaço de intercâmbio da experiência.

Em complementação a esse pensamento, Zygmunt Bauman ilustra essa banalização da morte de muitas maneiras na obra *Medo líquido* (2008), principalmente no capítulo intitulado "O pavor da morte". O teórico destaca uma análise sobre as formas como a humanidade procurou, ao longo dos tempos, minimizar o medo da morte. Bauman (2008) reduz os estratagemas para essa finalidade em duas categorias: a primeira se volta para a tentativa de negar a finitude. Dentro dessa perspectiva, há os que acreditam na continuidade

da vida após a morte, como os religiosos que pregam a reencarnação. Outros tentam negar a finitude por meio de um legado. O segundo estratagema ocorre com a desconstrução da morte ou com sua banalização:

> De par com a desconstrução chega então à banalização da morte, sua companheira indispensável, mas também inevitável. Se a desconstrução substitui um desafio irresistível por uma multiplicidade de tarefas comuns e essencialmente realizáveis, esperando desse modo evitar o confronto com a totalidade de seu singular e derradeiro horror, a banalização transforma o próprio confronto num evento banal, quase cotidiano, esperando desse modo fazer da 'vida com a morte' algo menos intolerável. A banalização leva a experiência única da morte, por sua natureza inacessível aos vivos, para o domínio da rotina diária dos mortais, desse modo esperando familiarizá-los com a experiência do fim e assim mitigar o horror que transpira da 'alteridade absoluta' - a total e absoluta incognoscibilidade da morte (Bauman, 2008, p. 59-60).

De acordo com Bauman (2008), criam-se simulacros nas vivências cotidianas como se fosse um ensaio para o espetáculo final e, quando esse dia chega, já é algo corriqueiro, banal. Vejamos como a morte é retratada nos demais textos da obra. No segundo conto "Obra Três Instantâneos na Cidade Maravilhosa", a finitude é refletida pela própria forma de escrita que é representada como parte de uma sinfonia. Reforça-se ainda a ideia de captar o momento, o instante como uma câmera que vai registrando tudo ao redor e o tom da narrativa é de reflexão existencialista.

> Eu caminhava, naquela solidão de doer os pés que eu não tinha; doíam, sim, o arrastar de tantas caudas que arranjei pelo meio do caminho; pelo meio da vida, por tantas vidas que tenho vivido. O assombro dos instantes, a porrada dos instantes, o esfacelamento do que é, do que pensamos ser, do que não pensamos e somo (Albues, 2008, p. 29).

No terceiro conto "A Rebelião da Magnólia", além da discussão temática, há o hibridismo dentro do gênero, pois a história é narrada em forma de um diário. A narrativa descreve o ciclo de uma árvore ao longo das estações na cidade de Nova York. Nessa passagem, discute-se a efemeridade da vida, a passagem do tempo e os processos inevitáveis do ser. Mais uma vez ocorre a reflexão da inevitabilidade da morte, mas agora em uma perspectiva mais poética e menos banal como no primeiro conto. "A morte as colherá hoje ou amanhã. Seu destino não será modificado" (Albues, 2008, p. 33).

O conto "O Enigma de Violeta H", que versa sobre questões de gênero, apresenta, de forma simbólica, o momento que uma menina que tem sua preferência sexual revelada à família. No fechamento da narrativa, há uma sugestão de morte "Violeta H. ressonava plácida e nua no jardim. E do seu umbigo escorria uma seiva espessa e roxa fecundando a

terra para o próximo plantio" (Albues, 2008, p. 64). Essa imagem final relembra a passagem bíblica "do pó veio e ao pó voltarás", que nos faz concluir que a revelação da sexualidade da menina não foi bem compreendida e a personagem não soube lidar com a situação. Nesse caso, a morte é performática e bastante visual para o leitor.

Em "Guilhotina de Veludo", desde o título, há uma sugestão de que a morte chega de forma sorrateira, abrupta. Entre outros temas sensíveis aludidos no texto, o ciclo da vida também é refletido e a morte é representada simbolicamente como uma doninha que persegue um coelho.

> A doninha veio vindo, passos leves cautelosos, como uma dançarina em arribação, movimentos sinuosos, em sintonia com uma música oculta; uma música pragmática, puxando cordas de nervos retesados, nervos que arpejavam, e se compactuavam, e se materializavam sob o compasso da batuta hipnótica. [...] O coelho pressentia o perigo, mas não tinha forças para se livrar da fascinação da doninha; uma corrente magnética os enlaçava com garras de aço viscoso. Estava sendo atraído para a morte e se colocava à mercê do algoz, sem oferecer resistência. Não que o sacrifício fosse voluntário, ele pulsava de vida, mas não conseguia escapar ao seu destino trágico (Albues, 2008, p. 74-75).

A morte estava anunciada desde o princípio, assim como o é na vida de todos os seres vivos, como menciona Bauman (2008, p. 44): "Irreparável... irremediável... Irreversível... Irrevogável... Impossível de cancelar ou de curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... O fim de tudo".

Seguindo esse tom da impotência pela inevitável condição dos seres vivos, chegamos ao conto "A Ilha das Cigarras", biologicamente e simbolicamente, a cigarra é uma criatura do ciclo, porque vivem em determinados casos por anos debaixo da terra, em silêncio, e emerge apenas em sua fase de maturidade para cantar durante um breve verão e então morrem. Sua condição existencial pode, nesse sentido, até ser admirada do ponto de vista poético, pois seu canto também marca sua finitude. Ainda assim, a cigarra não deixa de cantar, aceita seu destino. No conto, no entanto, destoando das tradicionais fábulas moralizantes, logo no início da narrativa desponta uma reflexão e um questionamento acerca dessa condição. Vejamos:

> O silêncio da ilha, ao escurecer, não é cortado abruptamente. Quase imperceptível, o som vem surgindo como um leve sussurro dos galhos de árvores, ao balanço do vento morno. Não é o volume do som; é o prenúncio do tempo de duração, que traz arrepios. A sensação de impotência. Nada vai estancar a sinfonia obsessiva; em breve o ar será tomado pelos estribilhos irritantes; o ar e as ruas, o corpo, o ouvido, a mente, a vida dos habitantes da ilha (Albues, 2008, p. 119).

Essa imagem ecoa na mente do leitor relembrando o estridente zunido que a cigarra dispara ao fim de uma tarde de verão. O som é persistente e incômodo. No dia seguinte, muitas são encontradas mortas.

> Muitas amanhecerão mortas. Nas calçadas, seus corpos expostos ao sol; cinzentos, verde-escuros, cascudos, horrendos; os corpos; carregados ou não pelas donas de casa, alarmadas com a quantidade. Outros continuam grudados nas árvores; o pulmão seco, patas secas, asas encolhidas. Alguns abraçados ou agarrados às costas dos outros. Morreram copulando. Orgasmo mortal, o das cigarras. Extinguem-se du-ran-te, o que quer que estejam fazendo; o importante é não parar de exercitar as membranas musicais. À estranha compulsão, nada se interpõe. A forma de morrer parece obedecer a um páthos inevitável. Já nasceram sabendo como vão terminar (Albues, 2008, p. 120).

As cigarras cumprem o gesto que define sua vida: cantar, mesmo sabendo que sua finitude pode advir desse ato. La Fontaine, na célebre fábula "A Cigarra e a Formiga", na obra *Fábulas de La Fontaine* (2005), frente ao apelo do labor utilitário representou a cigarra como uma alegoria moral da despreocupação e da efemeridade. Figurando-a como descuidada, ociosa e imprudente, deseja apenas viver o momento. Em contraste, a formiga é representada como símbolo de diligência, da razão prática, a moral da acumulação e da utilidade, típica de sociedades organizadas sob o princípio da produtividade.

A formiga age no tempo linear do projeto e do cálculo, aquele que, como descreve Hannah Arendt na obra *A condição humana* (2007), subordina o *homo faber* ao domínio da necessidade. A cigarra, ao contrário, habita o domínio da ação simbólica e da expressão, o que Arendt chamaria de *vita activa* em sua dimensão mais livre, voltada ao significado e não apenas à sobrevivência. No entanto, a perspectiva moralizante dessa fábula revela-se limitada quando confrontada com uma análise simbólica e filosófica mais profunda. A cigarra, longe de representar o erro, pode ser vista como a busca das razões do próprio ser, seu propósito de vida.

O canto das cigarras, fenômeno natural típico do verão, é retratado no texto de Albues como um espetáculo sonoro, conforme sugere o próprio ritmo narrativo – começa suave, "a música se espalha como ondas mansas pela areia macia" (Albues, 2008, p. 119), e cresce até se tornar ameaçador "cresce e se transforma em vagas aflitas, os prováveis náufragos que se acautelem" (Albues, 2008, p. 119). Aqui, o canto deixa de ser apenas ruído natural e assume força de música cósmica, um movimento que transcende. Em oposição a fábula clássica, neste texto, há uma revalorização da cigarra: elas são apresentadas não como desregradas,

mas como seres de disciplina e precisão, “de fazer inveja a muitos monges” (Albues, 2008, p. 119). Ou seja, a autora inverte o estereótipo: o canto artístico e natural das cigarras é fruto de ordem, não de desordem.

O conto avança e possibilita uma leitura mais profunda sobre questões de ordem política e social, mas não adentraremos nesses tópicos no contexto dessa discussão. Dando sequência à narrativa, os personagens subversivos que se opõem a cantar são punidos com a morte. Esse trecho é de uma ironia trágica e circular. Após suprimir as dissidentes, os próprios assassinos seguem o mesmo destino coletivo: “morrer de tanto cantar” (Albues, 2008, p. 120). Aqui, a cigarra volta ao seu destino mitológico, o canto até a morte, mas agora esvaziado de sentido: é um canto mecânico, sem liberdade, repetido “conforme o costume dos ancestrais” (Albues, 2008, p. 120). Nesse ponto, o texto ironiza a tradição cega, o conformismo herdado, o “destino” aceito sem reflexão.

O nosso último recorte analítico é o conto que encerra a obra, “A visita do Duque”, no qual ressurge uma narradora escritora, que enuncia na primeira pessoa e é curiosamente nomeada de Tereza. Dissemos ressurge, porque essa personagem transita por todos os romances da escritora, encontrando-se, neste contexto, em um leito de hospital e esquiva-se de receber visitas de religiosos. Primeiro recebe a visita de um cãozinho chamado Duque, um mascote, cuja função é animar os pacientes. De forma humorada a protagonista já vinha tentando driblar as visitas de religiosos, pois sentia que recebê-los era como se estivesse se despedindo da vida. Ao aparecer um rabino ela disse que era católica, quando veio um pastor, ela afirmou ser judia e quando veio o padre ela disse ser protestante.

A narradora, com o pavor da morte lhe rondando, acreditava que esses personagens a agouravam. Ela afirma para si constantemente sua intensa vontade de viver. Percebemos nesse conto mais uma vez a intenção de afastar a ideia da morte, como se fosse possível controlá-la com uma atitude de positividade. Assim também acompanhamos na sociedade contemporânea, basta ligar a televisão ou a tela do celular e vemos de mil formas o chamado “Mindset”, que se refere a um conjunto de crenças e atitudes que moldam a forma como uma pessoa interpreta o mundo e reage a situações; em outras palavras, a configuração da mente ou mentalidade, como se fosse simples como um clique de botão (Dweck, 2017). Ou seja, de uma forma bem-humorada, o conto induz o pensamento crítico sobre determinados padrões de comportamentos do contexto contemporâneo.

3 Considerações Finais

Neste artigo, analisamos como a banalização da morte é discutida na obra de contos da escritora mato-grossense Tereza Albues e como são os recursos estéticos utilizados pela autora para compor a narrativa, de forma a instigar a reflexão crítica do leitor sobre a temática. Partimos da compreensão de que a literatura, ao tematizar a morte, pode tensionar discursos cristalizados e deslocar percepções naturalizadas sobre a finitude na contemporaneidade.

Ao longo das análises, observamos que a seleção de contos cumpre o propósito de provocar o leitor e fazê-lo questionar determinados comportamentos típicos da sociedade contemporânea. Desse modo, a leitura literária afirma-se como prática reflexiva, capaz de tensionar certezas e ampliar a percepção crítica diante das experiências humanas representadas.

Destarte, tanto na forma quanto nas temáticas abordadas, a autora consegue meios de desautomatizar o leitor, tornando a leitura um ato mais ativo e crítico capaz de instigá-lo a questionar a realidade ao seu redor e não apenas absorver informações passivamente. Por conseguinte, a obra reafirma a capacidade da literatura de interpelar o sujeito e ampliar seus horizontes de compreensão acerca do tempo presente.

Referências

ALBUES, T. **Buquê de Línguas**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, W. **A arte de contar histórias**. Tradução de Georg Otte, Marcelo Backes, Patrícia L. São Paulo: Hedra, 2018.

DWECK, C. S. **Mindset**: a nova psicologia do sucesso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Corone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**: antologia. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ZUZAK, M. **A menina que roubava livros**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.